

Resenha

Borges, Maria de Lourdes. *Emotion, Reason, and Action in Kant*. New York/London: Bloomsbury, 2019.

Joel T. Klein *

Universidade Federal do Paraná (Curitiba, Brasil)

O livro de Maria de Loures Borges é um dos estudos mais completos, detalhados e esclarecedores sobre o tema das emoções na filosofia prática kantiana. A autora não apenas se engaja na discussão acerca de importantes aspectos interpretativos da obra de Kant, com também situa a posição kantiana sobre as emoções no contexto mais abrangente das principais teorias éticas contemporâneas. Para a surpresa dos leitores, Borges mostra algo a princípio inesperado, a saber, que Kant possui uma compreensão mais complexa e multifacetada acerca das emoções e do seu papel na teoria do agir do que algumas propostas filosóficas contemporâneas. Desse modo, como uma avaliação geral, pode-se dizer que Borges tanto esclarece o papel das emoções no contexto da filosofia prática de Kant, quanto reabilita a filosofia kantiana no debate contemporâneo acerca daquele aspecto no qual ela se mostrava mais frágil.

A análise do papel das emoções na filosofia prática kantiana não se restringe ao âmbito da ação moral, mas ao âmbito da ação em geral, englobando assim também ações que envolvem fraqueza moral e até mesmo ações más. O livro é dividido em nove capítulos. No primeiro, intitulado “*Ação, razão e causas em Kant*”, Borges analisa os conceitos de motivo e estímulo nas lições de ética e metafísica, e de motivo (*Bewegungsgrund*) e móbil (*Treibfeder*) na *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Nesse contexto, ela discute a tese de Allison acerca da tese da incorporação e defende que é possível apenas um motivo para uma ação. A autora busca reconciliar a tese da incorporação com a tese kantiana da fraqueza da vontade. Chamo a atenção para a distinção que a autora estabelece entre ação moral e teoria do agir, com a qual ela consegue apresentar uma engenhosa solução para a questão da fraqueza da vontade, a qual pode ser combatida com virtude definida como fortaleza.

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná. Bolsista produtividade CNPq. E-mail: jthklein@yahoo.com.br

No segundo capítulo, intitulado “*Podemos agir sem sentimentos? Respeito, simpatia e outras formas de amor*”, a autora apresenta um quadro complexo em que, por um lado, Kant defenderia uma posição contrária ao emotivismo, ou seja, que ele assume a posição de que não seria necessário uma emoção como causa para o agir moral, por outro, Kant defenderia, em especial na *Metafísica dos Costumes* e na *Antropologia*, uma visão mais complexa em que emoções ainda assim poderiam contribuir para o desenvolvimento da moralidade em um sentido mais amplo.

No terceiro capítulo, intitulado “O lugar dos afetos e paixões no sistema Kantiano”, a autora apresenta as diferenças entre afetos e paixões e busca encontrar um lugar para elas no contexto do sistema da filosofia prática kantiana. Após uma análise entre os níveis de uma antropologia prática e de uma moral aplicada, a autora assume a posição de que a discussão sobre afetos e paixões compõe aquilo que Robert Loudon define como uma parte impura da ética. Além disso, após apontar para o lugar sistemático dos afetos e paixões, a autora mostra que Kant deve ainda ser visto como um antagonista do empirismo, pois a determinação da correção da ação moral deve ocorrer exclusivamente pela razão, sem o auxílio da emoção.

No quarto capítulo, intitulado “O que Kant pode nos ensinar acerca das emoções?” a autora defende uma tese original acerca de como Kant compreende a multiplicidade e diversidade de nossas emoções, as quais, segundo ela, seriam melhor compreendidas como ocupando diferentes posições em algo denominado de “mapa do eu”. Um dos pontos mais perspicazes do capítulo é mostrar como a posição kantiana não permite ser enquadrada na dualidade estabelecida pela discussão contemporânea entre atitude proposicional e teoria sentimentalista, pois apresenta uma posição intermediária entre ambas.

No quinto capítulo intitulado “Fisiologia e o controle dos afetos na filosofia de Kant” a autora defende que a teoria kantiana dos afetos está conectada com a ideia psicológica do século dezessete de estados de excitação, a qual concebe que alguns afetos são difíceis de serem controlados e alguns mesmos são incontroláveis pela mera atuação das faculdades mentais. Mesmo que em alguns momentos Kant admita o cultivo do caráter, esse cultivo possui um limite e o indivíduo pode precisar de auxílio externo para isso. Nesse capítulo o leitor encontra um debate relevante que apresenta a particularidade da posição kantiana e a contrasta com as posições das filosofias antigas, como aquelas encontradas em Aristóteles e nos estoicos.

No sexto capítulo, intitulado “Virtude Kantiana como uma cura dos afetos e paixões”, Borges mostra como a virtude kantiana se distingue da felicidade e não busca nenhuma finalidade particular, como a realização de uma vida feliz. Nesse sentido, a autora argumenta que a virtude Kantiana deve ser vista como fortaleza, força e autocontrole para alcançar a plena racionalidade. Nesse capítulo merece destaque a argumentação apresentada para separar a posição kantiana de uma ética teleológica.

No sétimo capítulo, intitulado “A beleza e o bem: refinamento como uma propedêutica para a moralidade”, a autora inicia com uma análise do parágrafo 59 da *Crítica da faculdade do juízo*, a qual indica que a beleza pode ser considerada um símbolo do bem. Em seguida, a partir da análise de passagens da *Metafísica dos costumes* e da *Antropologia de um ponto de vista pragmático* discute-se a relação entre o âmbito do gosto e o âmbito da virtude.

No oitavo capítulo intitulado “Mulheres e emoções” Borges argumenta novamente e de uma maneira original que, apesar de Kant possuir algumas afirmações preconceituosas acerca das mulheres, a sua caracterização das peculiaridades da sensibilidade moral feminina apresenta elementos relevantes. Outra parte que chama a atenção nesse capítulo é a retomada de Martha Nussbaum para sustentar que os elementos centrais da moralidade kantiana, como o fato de todos os seres humanos possuírem igual dignidade e valor e de que a principal fonte desse valor está na sua faculdade moral de escolha, constituem conceitos fundamentais para a filosofia feminista.

No nono capítulo intitulado “Mal e paixões” a autora discute a distinção entre paixões naturais e paixões sociais e sustenta como as últimas são moralmente mais prejudiciais que as primeiras. Discute também as formas para eliminar as paixões e indica os limites da comunidade política para lidar com esse problema. Finalmente discute-se também o conceito de uma comunidade ética que aparece no livro *A religião nos limites da simples razão*. A autora conclui o capítulo sustentando que apenas a comunidade ética poderia curar o mal, visto que o mal possui suas fontes na vida em sociedade. Nesse sentido, as instituições políticas seriam necessárias, mas não suficientes para lidar com o mal, visto que elas podem obrigar o homem a agir conforme ao dever, segundo a legalidade externa, mas não melhorar os seus corações.

Finalmente, é outra grande qualidade do livro está no seu engajamento ativo e direto com a literatura mais atual acerca do tema. A autora se posiciona de maneira original e clara em uma série de questões bastante controversas e sem tangenciar as dificuldades. Trata-se de uma importante contribuição brasileira para o debate internacional na *Kant-Forschung* e uma leitura obrigatória para quem trabalha com temas relacionados à ética kantiana em particular e uma leitura bastante recomendável para quem trabalha com ética filosófica em sentido mais amplo. É importante indicar que o livro de Borges também desmonta uma série de preconceitos existentes na filosofia em geral, mas também na academia brasileira em particular, com relação à filosofia prática kantiana. Ela mostra como a ética kantiana é atual e apresenta um modelo alternativo relevante mesmo quando se está discutindo questões relativas às emoções.

Recebido em agosto 2019

Aprovado em agosto de 2019